

UMA CARTA SOBRE SONHOS, SAUDADES E *ETNOGRAFIAS DO POSSÍVEL*

Carlos Eduardo Henning

Universidade Federal de Goiás

Departamento de Ciências Sociais | Goiânia, Brasil

carlooseduardohenning@ufg.br | ORCID iD: 0000-0003-2103-2821

Minha amiga querida, espero que você e os seus estejam bem.

Dia desses tive um sonho vívido, intenso, nítido. Você estava nele. Acordei tomado por uma saudade imensa de você, de quando vivemos juntos, do seu abraço acolhedor e do nosso encantamento compartilhado pela antropologia, quando éramos, como se diz hoje, dois “mucilons”. Senti vontade de tomar um café da manhã contigo, escutar seus relatos de sonhos recém-nascidos dessa cabeça doida que eu tanto amo. É tão bom conversar com quem realmente está presente.

Dizia o português: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Pois bem, em sentido figurado, se podes ouvir, escuta. Sempre admirei seu modo de escutar: com presença. E é possível escutar sem ouvir e reparar sem ver; para evitar capacitismos. Você sabe que tento retribuir nessa escuta. Como não podemos papear cara-a-cara, “escrevo-te essas mal traçadas linhas, *mon amour...*”

O sonho se passava nos tempos em que eu trabalhava como barman em Floripa. Você, se não me engano, dava aulas na rede estadual. Estávamos os dois no Blues Velvet, quase toda a minha turma de mestrado estava por lá, festando. Eu, do lado de cá do balcão, trabalhando; você, doidíssima, na pista.

Gostava de poder me divertir enquanto trabalhava e, de quebra, não pagar para entrar nas festas. Quem trabalhava no bar ainda podia, às vezes, beber um pouquinho de graça, extraoficialmente... O álcool, aliás, me ajudava a lidar com o excesso de estímulos sensoriais ao longo da noite - só muito tempo depois descobri as razões das minhas crises de hiperestimulação. Atuar como barman nessa época era um jogo de ganha-ganha: trabalho, diversão e algum trocado no bolso. O sonho me fez recordar o quanto eu realmente precisava trabalhar naqueles bares. Não era um *hobby*. Eu definitivamente não estava fazendo “*cosplay* de pobre”, como a gen-Z

diria hoje. Você sabe como eram aqueles tempos... Estávamos quase sempre na pindaíba, contando moedas para pagar o aluguel e contas.

Se não me engano, você já havia terminado a graduação. Eu ainda precisava, além das contas básicas, me virar para custear as fotocópias para as disciplinas. Alguns colegas me emprestavam ou doavam os xerox usados para que eu não ficasse tão para trás. Lembra daquele ano em que o seu salário de professora do estado atrasou por alguns meses e minha bolsa também? Se não me engano a universidade estava em período de greve e nem o restaurante universitário estava aberto. Quase fomos despejados! Dividimos até um pacote de miojo para duas pessoas...

Lembro que reagíamos com bom humor - táticas de sobrevivência: rir para não chorar - mas no fundo, era algo deprimente e degradante. Quando penso nesses perrengues me sinto tão grato a você, às amizades, às professoras e colegas de classe da FAED-UDESC que, durante a graduação, me pagavam um lanche aqui e outro ali, um passe de ônibus acolá... Sentia-me constantemente deficitário, “correndo atrás”, achando que todos os perrengues eram apenas culpa minha.

Além das questões de classe, eu ainda não havia recebido meus diagnósticos de TEA¹ e TDAH² - que só viriam muito tempo depois. Agora entendo melhor por que tudo era tão terrivelmente desafiador. Sentia-me continuamente esgotado, no limite. Coisas simples para muitos - cozinhar, me alimentar de modo saudável, manter uma rotina, lavar roupas, arrumar o quarto, manter conversas triviais, pagar contas em dia - eram quase inviáveis para mim. Eu vivia minha própria versão do ato de empurrar, *ad aeternum*, a pedra morro acima.

Vivia fugindo, me isolando para tentar processar tudo. Para apenas “parecer” como todo mundo, era preciso um esforço constante e intenso. Percebia que a antropologia social me auxiliava a ler o mundo com mais generosidade - comigo mesmo, com os outros, com nossos lugares, nossas lutas e aspirações no mundo. Uma leitura que ampliava minha aceitação das várias camadas da minha própria “esquisitice” e, por extensão, das dos outros. No tempo e no vento. Será possível sentir saudades sem saudosismo? Sentir saudades de um momento da vida que não se deseja de volta?

A situação só melhorou no segundo semestre do mestrado no PPGAS-UFSC, quando recebi, finalmente, uma bolsa do CNPq e me senti, na falta de melhor expressão: a “última bolacha do pacote”. Você, nessa altura, já estava em outra, mais estabilizada no trabalho. Fiz a promessa: se recebesse a bolsa de mestrado, nunca mais comeria miojo. Até hoje, evito olhar para o produto, tal o nível de aversão. Se não fosse você me encontrar prostrado no quarto naquela vez, anêmico e fraco, talvez eu nem estivesse escrevendo esta carta...

Quando a bolsa chegou eu mal pude acreditar: finalmente teria condições de pagar as contas com um pouco mais de tranquilidade, me alimentar melhor e ainda poder fazer uma pesquisa etnográfica. Isso me parecia um luxo e um privilégio...

¹ TEA - Transtorno do Espectro Autista.

² TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.

No início do mestrado, eu estava absolutamente fascinado pela etnografia, ainda com a mente repleta de exemplos etnográficos de Malinowski, de Margaret Mead, de Evans-Pritchard... Não fazia ideia do quanto teria que improvisar, adaptar, criar jogos-de-cintura para dar conta do negócio. O sonho reacendeu memórias difíceis, mas também trouxe algumas ideias interessantes.

Me dei conta de que minha escolha pelo campo em “bares e boates GLS” - na época, “Gays, Lésbicas e Simpatizantes” - definitivamente não foi aleatória. Eu fazia parte daquela cena, - embora sempre me sentindo profundamente deslocado, alheio, estranho -, e desejava ardentemente compreender aquele universo de relações que me pareciam complexas, desafiadoras e frequentemente tão desiguais (HENNING 2008).

A antropologia, nesse contexto, me auxiliava a “fazer sentido” frente ao que me parecia, por vezes, caótico e difícil de organizar mentalmente, sobretudo como alguém que hoje poderia ser nomeado “neurodivergente”. Na época, minha experiência trabalhista nos bares *underground* de Floripa me parecia uma porta de entrada para o trabalho de campo. Vários coelhos de uma só vez. Tinha em mente questões concretas de exequibilidade - a minha realidade, as minhas condições subjetivas - para desenvolver um trabalho de campo.

Lembra daquele texto da Ashanté M. Reese que te enviei? “*When we come to anthropology, elsewhere comes with us*” (REESE 2019), um textinho que lemos também no grupo de estudos do LEX. Nossas experiências, nossas marcas - de classe, raça, gênero, sexualidade, idade, geração, corporalidade, deficiências - contribuem para influenciar e moldar, de modo não desprezível, os tipos de antropologias e etnografias que desejamos e, até certo ponto, que conseguimos concretamente desenvolver. Nesse sentido vale a pena ter em mente não apenas o disciplinamento da antropologia sobre nossos corpos - ao longo da formação antropológica e além -, mas também o modo como nós, ao menos parcialmente, esgarçamos e moldamos a antropologia segundo nossos compromissos e modo de habitar o mundo.

Nos últimos dez anos, orientando mestrados e doutorados e auxiliando a resolver dilemas etnográficos de novos e novas estudantes, tenho nomeado isso de “*etnografias do possível*”: reelaborações realistas, exequíveis, pés-no-chão, adaptadas às realidades locais concretas de fazer antropologia por essas bandas dos trópicos. Que tipos de etnografias críticas e reflexivas podemos produzir no Sul Global, distantes temporal, simbólica, política e espacialmente de empreendimentos coloniais que contribuíram, de variadas formas, para o financiamento e a viabilidade de grandes expedições etnográficas do passado?

Que etnografias produzimos quando não temos as mesmas condições para realizar longos trabalhos de campo, de um, dois ou mais anos? No Brasil, somos frequentemente levados a desenvolver trabalhos etnográficos experimentais, heterodoxos, moldáveis e adaptáveis. Um “se-vira-nos-trinta”, um “não-tem-tu-vai-tu-mesmo”. Um estado de coisas que contrasta profundamente com aqueles referenciais modernistas das antropologias social e cultural da primeira metade do século passado (os quais ainda ensinamos, em termos gerais, como referências em nossos cursos introdutórios).

Essa abertura quase inescapável para adaptações conjunturais nos incentiva a repensar e renegociar pressupostos e convenções canônicas do *métier* etnográfico. Sinto falta de mais elaborações e debates renovados sobre etnografias à brasileira. Num contexto “pós-colonial” e

com financiamento limitado, temos tempo e condições reduzidos e estritos, no geral, para todas as etapas da pesquisa. Por essas e outras, me parece válido e produtivo levar em consideração as *etnografias do possível*, que admitam francamente abordagens experimentais, - a partir de múltiplos registros e grafias - e, quem sabe, de maneira até insolente, petulante e irreverente frente ao cânone etnográfico eurocêntrico e modernista. Gostaria de ver mais desse tipo de provocação e de estímulo às novas gerações da antropologia social e cultural brasileira. E isso tem ocorrido, de variadas maneiras, ainda bem.

Lamento você ter seguido outro caminho após a graduação, apesar de sua paixão pela antropologia. Suas escolhas talvez sejam reflexos do caráter limitado e, por vezes, excludente, do nosso campo. Sempre sonhei com a possibilidade de trabalharmos juntos. Mas a vida tem essa mania de nos levar para onde o barco vai... Diante das limitações de orçamento para pesquisas e a desvalorização e sobrecarga da carreira do magistério superior público, compreendo suas escolhas.

No Brasil, muita gente realiza investigações etnográficas (ou de outros matizes) sem bolsa, com mínimo apoio institucional. Conheço estudantes que, enquanto fazem suas *etnografias do possível*, trabalham em dois ou mais empregos, fazem entregas por aplicativos, cuidam de família, enfrentam doenças, sobrevivem a precariedades e vulnerabilidades tão marcadas... Não se trata de romantizar a precariedade existencial, educacional e investigativa enfrentada por tantas pessoas hoje, mas de questionar a imposição irrealista de referenciais canônicos em contextos tão adversos e específicos.

Em grande parte devido às transformações histórico-culturais do mundo “pós-colonial”, o modelo heróico, masculinista, limitado em suas lógicas de interlocução e de representação, e de longa duração das etnografias clássicas - ou “realistas”, como diria Tereza Caldeira (1988) -, em linhas gerais, não se sustenta mais em seus termos, concepções e configurações originais.

Lembro que para mim (e por um tempo, para você também), a antropologia social era vista quase como “terra prometida”. Um espaço, no melhor dos sentidos, meio “festa estranha com gente esquisita”. Um contexto em que poderíamos encontrar mais pessoas que, assim como nós, eram também “periféricas” e “subalternas”, embora de distintas maneiras, seja por questões de gênero, raça, classe, sexualidade, etnicidade, deficiências, religiosidades, ou por outras.

Pessoas buscando espaços de viabilidade subjetiva, acadêmica e profissional. Desejando pesquisar temáticas muitas vezes conectadas às suas vidas, às suas trajetórias, às suas preocupações e interesses políticos, filosóficos e existenciais. Felizmente esse movimento centrípeto à antropologia parece ter se intensificado desde então, sobretudo com o avanço das políticas de ações afirmativas na graduação e na pós-graduação brasileiras. Felizmente transforma-se, com essa renovação, até certo ponto, tanto os potenciais da antropologia quanto da etnografia. Vejo que boa parte daquilo que me apaixonou pela antropologia e pela etnografia em meus tempos de mestrado e doutorado, guardadas as especificidades, também parece estar presente nos corações de muitos e muitas estudantes de antropologia com os quais convivo atualmente.

Enfim, há sonhos que nos fazem sentir em um buraco de minhoca, não é? Fluxos de *selves* e temporalidades. Você também se lembra disso tudo? Durante a pandemia da covid-19, um dos maiores receios foi perder amizades e testemunhas do tempo. É muito bom ter você em

minha vida, apesar de tantas crises econômicas, políticas, culturais e pandêmicas que atravessamos desde sempre... Experiências constantes de guerras, hecatombes, neocolonialismos, neofascismos, genocídios... E agora, até mesmo novas ameaças de uma III Guerra Mundial... Cereja pútrida do bolo.

Apesar de tudo, é um alento saber que você está aí. Não romantizo aquela época. Não creio que ela foi necessária para “formar caráter” como um “batismo de fogo” para nós. Foi horrível. Ninguém deveria passar por aquilo: fome, frio, desalento, precariedades.

Enfim, o sonho rendeu... Nossa *queerness* nunca foi meramente por uma questão de sexualidade e gênero. No meu caso, teve classe, neurodivergências e muitos outros temperos que não couberam nesta carta. O sono bateu, amiga... Perdão pela tergiversação e pelo fluxo errático de consciência. Avancei madrugada adentro - *da noite veloz* - para te escrever.

Me responda. Conte novidades sobre você, o *love*, seus filhotes. Conte-me suas maluquices recentes. Conte-me seus sonhos fresquinhos, como antigamente. Agora é sua vez de receber minha presença e carinho... E, para fechar, com amor, aquele trechinho de Adriana que você tanto ama:

*“Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
Estamos todos aqui
No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
Estamos todos a sós...
No meio do caminho dessa vida
Estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim...”* (Calcanhoto, 1992)

Rio de Janeiro, 23 de Junho de 2025.

Referências Bibliográficas

- CALCANHOTTO, Adriana. 1992. Velhos e Jovens. Música de Arnaldo Antunes e Péricles Cavalcante. In: *Senhas*. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment. 1 CD.
- CALDEIRA, Teresa. 1988. "A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia." *Novos Estudos* 21 (Julho): 19-35.
- HENNING, Carlos Eduardo. 2008. *As Diferenças na Diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92044>
- MADREDEUS. 1995 O Sonho. Letra de Pedro Ayres Magalhães. In: *Ainda*. [S.l.]: EMI-Valentim de Carvalho. 1 CD.
- REESE, Ashanté M. 2019. "When We Come to Anthropology, Elsewhere Comes with Us." Anthropology News website, February 20. DOI: 10.1111/AN.1096.

Enviado: 05 de julho de 2025
Aceito: 05 de setembro de 2025

UMA CARTA SOBRE SONHOS, SAUDADES E ETNOGRAFIAS DO POSSÍVEL

Resumo

Esta carta, direcionada a uma velha amiga do autor, reflete sobre a formação antropológica no Sul Global a partir de reminiscências fragmentadas de uma trajetória singular, conectando memórias pessoais de precariedades relativas (origem de classe, neurodivergências, queerness) e suas implicações sobre a prática etnográfica. O autor propõe o conceito de "etnografias do possível" para descrever abordagens realistas e adaptáveis, desenvolvidas por pesquisadores/as brasileiros/as e de outros contextos do Sul Global, sob condições de financiamento limitado, tempo restrito e em um contexto pós-colonial. A carta argumenta pela validação e expansão de teorias e metodologias experimentais e irreverentes que questionam os referenciais canônicos eurocêntricos, celebrando a renovação da Antropologia Social a partir do reconhecimento, valorização e problematização das múltiplas trajetórias e vivências de novos/as investigadores/as.

Palavras-chave

etnografias do possível; etnografia; experimentações; antropologia social.

A LETTER ON DREAMS, LONGING, AND *ETHNOGRAPHIES OF THE POSSIBLE*

Abstract

This letter, addressed to an author's old friend, reflects on anthropological training in the Global South through fragmented reminiscences of a unique trajectory, connecting personal memories of relative precarity (class origin, neurodivergences, queerness) and their implications for ethnographic practices. The author proposes the concept of "ethnographies of the possible" to describe realistic and adaptable approaches developed by Brazilian researchers and from other contexts of the Global South, under conditions of limited funding and restricted time in a post-colonial context. The letter advocates for the validation and expansion of experimental and irreverent methodologies that challenge Eurocentric canonical references, celebrating the renewal of Social Anthropology through the recognition, valuation, and problematization of the diverse trajectories and experiences of new investigators.

Keywords

ethnographies of the possible; ethnography; experimentations; social anthropology.